

Raridades do Instituto de Biociências da USP

Projeto exigiu 14 anos de trabalho para recuperar 2.440 livros; obras de valor histórico e artístico revelam ciência dos séculos 18 e 19

Alexandre Gonçalves

Há 16 anos, a bibliotecária Nelsita Trimer iniciou a organização dos livros raros do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP). Décadas de traças, carunchos e fungos ameaçavam relatos de pesquisas, belas gravuras e registros únicos de animais e plantas, alguns deles já extintos. Libertados da poeira, cerca de 2.440 títulos podem agora ser consultados por cientistas e visitantes na sala de obras raras do instituto.

“O acervo não é grande, mas contém as obras essenciais”, disse Gerhard Jarms, biólogo alemão do Museu de Zoologia de Hamburgo, depois de observar com admiração as lombadas nas estantes.

Como a maioria das obras pertence aos séculos 18 e 19, folhear os livros equivale a uma viagem pelos debates científicos que movimentaram o período. Pode-se começar, por exemplo, com Erasmus Darwin, avô do famoso naturalista inglês. A biblioteca conta com uma edição da sua *Zoonomia*, escrita em elegantes caracteres góticos. O livro já propunha que “um único filamento vivo” teria gerado os animais.

A teoria ganhou coerência e força com o neto Charles Darwin, que está representado no acervo por quase 30 títulos, em vários idiomas. Há trabalhos sobre orquídeas, plantas carnívoras e recifes de coral. Naturalmente, não faltam *A Origem das*

Espécies e A Origem do Homem, livros que marcam o nascimento do evolucionismo.

Alfred Russel Wallace, outro pai da teoria da seleção natural, também tem dois livros nas estantes de obras raras do IB. Um deles, *A Distribuição Geográfica dos Animais*, conta com belas pranchas da fauna sul-americana, fruto da sua aventura juvenil na Amazônia, quando reuniu espécies para colecionadores. A teoria proposta no livro continua válida: o isolamento geográfico é essencial para que as espécies evoluam e se diferenciem.

Mas o acervo é pluralista e conta com inimigos ferrenhos do darwinismo. O suíço Louis Agassiz, por exemplo, está representado pela obra *Sobre Espécies e Classificação em Zoologia*, em que expõe seus argumentos fixistas, hostis à hipó-

tese de mudanças evolutivas nos seres vivos. Agassiz coordenou a expedição Thayer na Amazônia. Ele esperava reunir no Brasil informações sobre catástrofes naturais que derrubassem a hipótese darwiniana de evolução lenta e gradual.

Há também uma homenagem à tolerância: a presença da monumental coleção *Classes e Ordens no Reino Animal*. Seu organizador, Heinrich Georg Bronn, embora um fixista com profundas convicções religiosas, foi o primeiro tradutor para o alemão de

A Origem das Espécies.

Boa parte dos livros não está em português. Há títulos em norueguês, holandês, dinamarquês, alemão, latim, francês, inglês e japonês. A bibliotecária Cecília Maria da Costa Souza recorda o desafio de classificar obras escritas em idiomas tão diferentes. “Cada livro era uma aventura”, afirma. “Tivemos de criar ordem onde ela não existia.”

Mas o acervo também encanta quem só conhece uma língua. Muitos livros possuem gravuras pintadas à mão, uma a uma.

Questionada sobre a imagem que mais lhe agrada, Nelsita abre um volume do botânico bávaro Carl von Martius sobre a flora brasileira e aponta um ramo de *Alloplectus*, planta de folhas largas, com

flores vermelhas e amarelas. A tinta sobre o papel confere uma textura aveludada à imagem, que ganha realismo.

Mas mesmo a melhor pintura fica aquém da *Phycoteca Boreali-Americana*. Na estante, parece uma coleção como as demais. Ao abrir a obra, o visitante percebe que tem nas mãos um herbário por-

tátil, uma reunião de centenas de algas de verdade fixadas nas páginas encadernadas dos vários volumes.

Outra curiosidade são os quatro volumes da *História Natural das Aves na Europa Central*, do fazendeiro e naturalista amador Johann Naumann. Além de belas imagens – como a do papa-figos que ilustra esta página –, o leitor com conhecimentos musicais e boa imaginação descobre os sons emitidos por cada pássaro. A obra apresenta pentagramas com a melodia e a letra do canto em fonemas alemães: “tieuue dieuteuteut ti-eneu”.

Resgate de raridades. Parte dos livros veio da Escola Politécnica e da Faculdade de Farmácia. Também foram resgatadas obras raras, quase escondidas, misturadas a títulos comuns. Acervos particulares doados completaram a coleção.

De alguma forma, as obras também guardam marcas das turbulências da história. A equipe de restauração notou perfurações nas capas e no miolo de alguns livros. Uma breve pesquisa revelou as causas dos danos: na década de 1920, o acervo da Escola Politécnica ficava na região central de São Paulo, no antigo solar do Marquês de Três Rios.

Lá, ele sofreu diretamente com os ataques de balas e granadas durante os 24 dias da Revolução de 1924. Nelsita até conseguiu a cópia de um documento, datado de 7 de agosto de 1924, que relata “os estragos causados nos edifícios da escola pelos revolucionários” e avalia o custo das reparações em “60 contos de réis”.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) ofereceu verba para restaurar 2 mil obras e construir a sala especial onde os livros estão acondicionados. A recuperação do resto do acervo contou com o apoio da Fundação Vita e da Comissão de Pesquisa do IB e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da USP.



● Johann Naumann registrou este papa-figos macho em 1905

FOTOS: DIVULGAÇÃO

● Serpente do País que ilustra livro de Johann von Spix

● Arara-vermelha, colorida à mão, de Charles D'Orbigny

● Um pau-de-rosas visto por Johann Pohl, em 1821, no Brasil